

SIMPÓSIO TEMÁTICO 06

Cultura Visual: Passados Presentes, Poder e Memória

Daniel de Souza Leão Vieira
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Há muito se tem discutido nas ciências humanas que o tempo não é algo anterior ou transcendente à cultura. Nesse sentido, o passado, o presente e o futuro, longe de serem apreensíveis em si mesmos, são três dimensões que compõem as estruturas antropológicas da vivência social-histórica. São instâncias que foram relacionadas, pela teoria da história em Reinhart Koselleck, à dialética dos “espaços de experiência” e dos “horizontes de expectativas”.

Marcada por uma crescente valorização do futuro como horizonte de expectativa sobre o desenvolvimento humano, a temporalidade moderna tem, entretanto, perdido sua força no imaginário social, sobretudo com a crise da modernidade. Diante de uma aceleração do tempo vivido, no presente, promovida pelo capitalismo tardio, a partir do fim do século XX, o passado começa a ser novamente valorizado. Esse fenômeno cultural e político da “emergência da memória” foi associado, pela crítica cultural de Andreas Huyssen, à musealização do passado.

Por isso, se lembrarmos da hermenêutica de Paul Ricoeur, tomaremos consciência de que a problemática da memória se entrelaça com a problemática da imagem. E daí a dupla aporia da condição histórica da contemporaneidade: sem lugar para o esquecimento, o arquivo, hiperestasiado, resultante da obsessão pela memória, parece não conseguir deixar de perder potência criativa; desapegada do invisível, nossa civilização do visual carece de olhar...

Justamente por se encontrar incipientemente teorizada pelo historiador é que a imagem se torna crucial para esse debate. A imagem nos põe frente a questões como as (des)

continuidades do tempo e da memória. Menos logocêntrica e mais polissêmica, ela parece constituir um material mais fugidio para a construção do saber histórico, posto que não é nem reflexo de um “real empírico” e nem mesmo de uma realidade social, simplesmente. É, antes, um lugar simbólico para a articulação cultural entre as significações e as práticas sociais. Nesse sentido, o fazer histórico das imagens pode ser referido como o que foi considerado como práticas significadoras pelos estudos culturais de Stuart Hall.

Convidamos todos os que se interessam em investigar historicamente a imagem a unir esforços para promover um debate sobre a rememoração do passado na construção do presente a partir de uma dupla proposição: que, considerando os aspectos linguísticos e discursivos da imagem, seja tanto uma análise poética quanto uma política da memória.